

TOPOANÁLISE DO RIO PARNAÍBA NA OBRA *PALHA DE ARROZ*, DE FONTES IBIAPINA

Monaliza Cristina do Nascimento Sousa¹

Rômulo Rafael De Sousa Morais²

RESUMO

O estudo do espaço em obras literárias tem-se mostrado relevante por expandir a visão do público para além dos personagens e fatos contidos na narrativa. À vista disto, este trabalho propõe uma investigação sobre a topoanálise na obra *Palha de Arroz* (2003), do escritor piauiense Fontes Ibiapina. O romance nos apresenta a cidade de Teresina no ano de 1945 e suas idiossincrasias: o presídio de chão batido, os bairros de casas de palha e o rio Parnaíba. O rio Parnaíba é o elemento central de análise deste trabalho, observando a relação de simbiose entre o espaço onde se

1 Atualmente é mestranda em Letras, área de concentração em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Piauí. Licenciada em Letras Portugêses pela mesma instituição (2022). Interessa-se pelos seguintes temas: Teoria Literária, Literatura Brasileira Contemporânea, Literatura e Filosofia. E-mail: monalizacns@ufpi.edu.br

2 Graduado em Licenciatura em Letras português e francês pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente é graduando do curso de Direito da Universidade Estadual do Piauí. Possui interesse nas áreas de Direito e Literatura, Literatura comparada, Literatura piauiense, Memória e Topoanálise. E-mail: romulorafaeldesm@aluno.uespi.br

passa a história e os personagens. Temos como base de direcionamento desses assuntos autores como Bachelard (1989), Borges Filho (2007) e Tuan (2015) dentre outros, por meio da narrativa construída dentro deste recorte temático.

Palavras-chave: Topoanálise. Literatura Piauiense. Palha de arroz. Fontes Ibiapina.

ABSTRACT

The study of space in literary works has proven relevant for expanding the audience's vision beyond the characters and events contained within the narrative. In light of this, this paper proposes an investigation into topoanalysis in the work "Palha de Arroz" (2003) by the Piauí writer Fontes Ibiapina. The novel presents us with the city of Teresina in the year 1945 and its idiosyncrasies: the dirt-floor prison, the neighborhoods of straw houses, and the Parnaíba River. The Parnaíba River is the central element of analysis in this work, observing the symbiotic relationship between the space where the story takes place and the characters. Authors such as Bachelard (1989), Borges Filho (2007), and Tuan (2015), among others, serve as the guiding basis for these topics through the narrative constructed within this thematic framework.

Keywords: Topoanalysis. Piauí Literature. Palha de Arroz. Fontes Ibiapina.

INTRODUÇÃO

Palha de Arroz (2003), romance do escritor piauiense Fontes Ibiapina, nos apresenta a cidade de Teresina nos anos de 1945, período em que a capital do Estado do Piauí dava seus primeiros passos em direção ao desenvolvimento urbano, com a prevalência de características de cidade do interior. Nesse contexto, o autor

narra a história de personagens comuns da pequena capital e como eles se relacionam entre si no ambiente de extrema pobreza ao qual estão submetidos.

O romance de Ibiapina lança luz à memória coletiva e alimenta várias áreas do conhecimento e, embora essa não seja a sua natureza, a literatura foi e ainda é fonte de documentação de alguns fatos históricos e de épocas passadas. Por meio dela, entretanto, podemos apreender as mudanças na humanidade e de sua vida em sociedade.

Em *Palha de arroz* traz as vivências na cidade de Teresina se assemelha a um caso, ou seja, uma conversa descontraída, de linguagem simples e aproximada da oralidade, que destaca pessoas e paisagens comuns do cotidiano, aproximando, muitas vezes, o mundo fictício com o imaginário do leitor inserido no ambiente e contexto da obra.

No enredo podemos observar a descrição da capital Teresina à época e suas peculiaridades arquitetônicas e o funcionamento da capital, como, por exemplo, a usina elétrica parada, as vielas sem calçamento do centro da cidade, o presídio de chão batido, os bairros cheios de casas de palha, assim como o rio Parnaíba, que aparece por vezes tímido, por vezes dominante, ou até mesmo como foco central para a resolução das tramas para desenvolvimento da cidade.

Deste modo, o estudo do Espaço em obras literárias tem-se mostrado relevante dentro do campo dos estudos histórico-

culturais, geográficos e artísticos por expandir a visão do público para além dos personagens e fatos contidos em um romance. A partir daí, começa-se a enxergar também o ambiente que a história está inserida, assim como da sua importância dentro dos contextos e sua relação com os personagens.

Partindo disto, a pesquisa tem por objetivo geral fazer a toponímia do rio Parnaíba dentro do romance, buscando a compreensão da importância na e influência no desenvolvimento do enredo.

2 TRAZER À TONA: ANÁLISE LITERÁRIA, TOPOFILIA E TOPOANÁLISE

Em *Palha de arroz* (2003) a obra é desenvolvida em torno da cidade de Teresina ainda em desenvolvimento, trazendo para dentro da obra literária os acontecimentos sociais, suas próprias vivências individuais e coletivas. Deste modo, as características internas, inerentes ao próprio texto narrativo, fazem com que os personagens interajam com o ambiente e também entre si, criando, interpretando e resolvendo suas tramas.

Baseada na topofilia, um tipo de perspectiva de análise é conceituada por Tuan (2015) como: “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal.” (TUAN, 2015). Examinando o conceito mencionado, podemos aferir que Topofilia seria

a correlação afetiva e sentimental entre pessoas e espaço, o significado que atribuímos ao espaço que ocupamos e o espaço ocupado em nossas vidas por determinado ambiente.

Isto posto, na obra literária, a relação entre o ambiente e os personagens implica, não somente, mas principalmente, sua relação afetiva com o espaço, com o meio ambiente, pois as histórias são compostas por personagens, enredo, tempo e espaço. Como descreve Bachelard (1996) o conceito, brevemente, é o exame de “espaços felizes” (BACHELARD, 1996), porém acreditamos que nem sempre a imagem de espaço feliz será o objeto de observação ou fenomenológica da topofilia.

É impossível falarmos de análise literária e Topofilia sem toparmos com outro termo bastante conhecido dos pesquisadores espaciais, sendo a Topoanálise. Este conceito também foi aferido por Bachelard (1996), quando a classifica como “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima”. (BACHELARD, p.28), porém entendeu-se que essa abordagem não seria o suficiente para explorarmos a amplitude de sentidos que o nosso objeto de estudo pode atingir na análise literária.

O conceito de topoanálise que aqui exploramos, é um estudo mais próximo do que Barros Filho (2007) nos propõe, pois este vai além do psicologismo da vida íntima quando diz que

a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc.,

fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural. (BARROS FILHO, p. 30)

Ou seja, nos autoriza a explorarmos particularidades histórico-geográficas e literárias na análise, além de questões ligadas à vida em sociedade, tudo isso sem necessariamente se desligar do estudo do espaço.

Antes que continuemos para a análise é importante trazer a definição de espaço. Tuan (2013) nos estudos geográficos diferencia lugar de espaço, que para ele

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (TUAN, p. 14)

Para o estudioso, o espaço possui características mais ligadas ao psicológico, sendo assim, mais abstratas, e lugar teria a ver com aquilo que é palpável, material e concreto. Para além dos estudos

geográficos, é interessante para nossa análise que utilizemos mais uma vez conceitos mais amplos e menos delimitadores, tais diferenciações não terão uma forte influência em nossa pesquisa, tendo em vista que este pertence ao território da teoria literária do espaço, o que nos interessará aqui seria o que Barros Filho (2007) delimita apenas como “conceituação clássica da teoria literária” (BARROS FILHO, p. 22), pois

a oposição entre espaço e lugar não é funcional e nada acrescenta à teoria. [...]Por isso, preferimos conservar o conceito de espaço como um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário e natureza. A ideia de experiência, vivência, etc., relacionada ao conceito de lugar segundo vários estudiosos, seria analisada a partir da identificação desses dois espaços sem que, para isso, seja necessário o uso da terminologia ‘lugar’. Dessa maneira, não falaríamos de lugar, mas de cenário ou natureza e da experiência, da vivência das personagens nesses mesmos espaços. (BARROS FILHO, p. 22)

Para uma topoanálise satisfatória, seguimos alguns passos que Barros Filho (2007) nos sugere, como o traçado da “Topografia literária”, a qual é o levantamento do espaço no texto literário. Neste caso, como estamos lidando com uma análise, tal espaço

precisa, se possível, ser desmembrado e suas partes analisadas e classificadas.

Barros Filho (2007) nos dá as seguintes segmentações: macroespaço e microespaço, onde o primeiro seria a divisão dos polos do local, um exemplo dessa divisão seria campo e cidade, regiões, norte – sul, etc., enquanto o microespaço seriam os núcleos menores que compõe o macroespaço. Após devidamente segmentados os macroespaços e microespaços, a atenção é voltada agora para a caracterização das informações coletadas no conceito de local, ou seja, se é um cenário ou natureza. Feito isso, segue a divisão, onde mais uma vez o local é caracterizado, dessa vez o encaixando no tema em estudo:

Assim, num primeiro momento, o toponalista separa esses microespaços. Após essa segmentação do texto em cenários e naturezas, proceder-se-á à análise de cada um deles percebendo os temas neles trabalhados e suas relações com o tema e o assunto centrais do texto em questão. (BARROS FILHO, 2007, p. 47)

Já na análise da obra, tomamos como foco o espaço onde a história está inserida e, em específico, o espaço que o rio Parnaíba ocupa no romance. Para isso, recorreremos a alguns conceitos dos autores supracitados.

Neste sentido, topofilia seria a relação de afetividade e sentimentalismo que o indivíduo desenvolve com o meio ambiente, neste caso, como a obra estudada, teremos como espaço o Rio, este rio que nas cidades servem como abastecimento, como porto, para pescadores e lavadeiras como fonte de renda, ou seja, assume diferentes significados a depender de quem se relaciona com ele. Portanto, o rio movimentava camadas da sociedade.

2.1 TOPOANÁLISE DO RIO PARNAÍBA EM *PALHA DE ARROZ*

Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou...”. Quando Heráclito de Éfeso proferiu esta frase, nos dá o cerne de seus pensamentos, um breve resumo sobre a efemeridade das águas e das pessoas.

Hesse (2012) nos ajuda a compreender melhor a frase e o porquê de usarmos ela como paráfrase do nosso trabalho. Heráclito “considerava que a água era um elemento dinâmico. Para ele, tudo está em constante fluxo. Tudo se transforma, tudo passa, tudo muda. Nada permanece como é.” (HESSE, 2012, posição 140).

Tendo em vista o rio ser um corpo aquático, em tudo carrega as suas qualidades efêmeras, o seu movimento, o seu ir e o seu devir, é que levantamos o principal questionamento que tentamos responder através da topoanálise qual o papel ou função do Rio Parnaíba no romance.

No primeiro capítulo da obra temos o rio como um macroespaço natural, por ser nele e através dele que a vida acontece, temos um ambiente de fim de movimentação, fim de expediente, já que o narrador observador nos deixa claro a sua percepção sobre a hora que se passa o momento descrito, ou seja, o fim da tarde.

Os microespaços, os quais são os núcleos citadinos ligados ao rio: o negro pobre que toma banho ao fim da tarde, as jangadas que estacionam para dormir. Neste primeiro capítulo, podemos destacar, dentro do microespaço rio, o uso do ambiente como fonte de renda: os vareiros que trabalham até hoje fazendo a travessia de pessoas entre Teresina e cidade vizinha Timon—MA pelo rio; neste momento do romance o narrador observador cria através do recurso linguístico metáfora uma paisagem cultural onde ele funde a imagem do vareiro com a sua própria canoa:

vareiros e canoas duas coisas parecidas e que se completam tanto em serviço como em gozo de descanso. Destinos parecidos. Ambos forcejam o dia todo de uma à outra margem do rio. A noite os dois amarrados. Elas em correntes, eles nos braços de quem quer que seja. (IBIAPINA, p. 12).

O narrador também cria uma paisagem social da pobreza onde ele insere o personagem “Negro Parente” que usa o rio para

tomar banho e Geneveva que utiliza o rio para o abastecimento de água da casa:

Geneveva passou rebolando as ancas dentro de uma saia de chita, subindo a rampa do cais toda imponente, empinada. Toda dentro de si! Dengosa de faceira! Só que com o pescoço duro e meio torto, para a lata d'água não vomitar golfadas em seu corpo. (IBIAPINA, p. 12).

No capítulo quinze, o microespaço rio assumirá o papel de herança, uma vez que temos um monólogo interno onde “Negro parente”, sendo pobre, constata que o único bem que poderá deixar para seu filho será a sua profissão de pescador de defunto.

Bem. Mais tarde antonino seria um pescador de defuntos. Exerceria aquela profissão que ele deixara por outra miserável da qual não poderia mais sair e cujos caminhos mais curtos eram o da cadeia e o do cemitério. (IBIAPINA, p. 105).

No capítulo quatro, os envolvidos são “Conceição” que está armando uma fuga pelo rio Parnaíba com “Zé Remador”, porém, durante a fuga, seu pai, Fabrício, descobre tudo. Neste espaço temos um macroespaço natural, ele funciona dessa forma, pois, considerando a lógica do continente, conteúdo e objeto: o rio será o continente, o barco será o conteúdo e os personagens serão o objeto.

O ambiente trabalhado no capítulo será de insegurança e fuga, pois quem se relaciona com o rio é “Conceição”, uma garota órfã de mãe, criada por seu pai, um pescador, e uma madrasta que a maltrata e a inflige violências verbais e físicas. Conceição acredita que, através do rio (o rio a levará) poderá se livrar de todo o sofrimento e ter a vida que sempre sonhou.

Porém, após as pragas do pai que a flagrou fugindo, o rio assume o papel de redentor de pecados e última solução para seus problemas, que é quando ela tenta se matar se jogando no leito do rio.

E o velho gritando. Dizendo a toda goela que, se a filha quisesse salvação, se atirasse nas águas e morresse afogada. E aqueles gritos, aquela maldição de pai para filha, ardia fundo dentro da cabeça de Conceição. Seu pai. Seu pai... O rio. O rio... As águas. As águas... morte. Morte... Salvação. Céu. Purgatório. Inferno. Mas, para as garras da madrasta era que não voltava. Morrer afogada... Única salvação.” (IBIAPINA, p. 43).

Conceição aparecerá no capítulo treze novamente com seu destino entrelaçado ao do rio, pois seu marido, zé remador, acaba por morrer afogado no exercício de sua função, nas águas do rio Parnaíba.

Mas as águas estavam pesadas. [...] Nem Zé Remador, cabra de fama no cabo do remo, conseguiu quebrar o capricho da camboa velha.

[...] Alta Noite. Amarante toda dormindo. Só Zé Remador, o velho Chico Preto e a canoa acordados. E a morte. Dentro do rio mesmo, só os três acordados: Zé Remador, a canoa e a morte. [...] E lá se vem o começo do fim. Canoa mal betumada. Então as águas se aproveitaram daquele seu triste estado de conservação. [...] A canoa desceu para o fundo do rio, e lá ficou o homem sobre as águas.” (IBIAPINA, p. 99 e 100).

Ou seja, o rio que lhe tirou do sofrimento de viver uma vida de violência com a sua madrasta foi o mesmo rio que lhe trouxe a viuvez e se tornou o caminho de volta para a casa de seu pai. O rio se liga ao destino de “Conceição” como se ditasse a ela o seu destino irremediável, como juiz que executou os rumos de sua vida.

No capítulo dezessete, contemplamos um microespaço rio que, somado com o clima psicológico, nos traz um ambiente de refúgio e esperança para os personagens Negro Parente e seu filho Antonino que tentam pescar algo para comer.

Arranjou dois anzoizinhos. À noite, lá se ia com o menino para a beira do rio. Pescar alguns piaus, mandis. De quando em vez, um peixe qualquer começava a dar aquelas sacodidinhas gostosas na linha. Fazia fiapo. Ele açoitava a vara lá fora. Às vezes, ferrava mesmo qualquer piabinha.” (IBIAPINA, p. 119).

Neste mesmo capítulo o microespaço rio somado com o clima psicológico de religiosidade e reconciliação do homem com a entidade divina forma um ambiente de fé

na vez que quebrar a jura que fizera olhando pra seu santinho protetor, ajoelhado as margens do seu Parnaíba, velho querido de suas pescarias de defunto no passado, e olhando para as estrelas no céu, dinheiro não tinha valor. Quando Negro Parente quebrasse aquela jura, Deus deixava de ser Deus, o mundo deixava de ser mundo e Santo Antônio deixava de ser Santo Antônio.” (IBIAPINA, p. 117).

Nesta passagem temos a demonstração de fé de Negro Parente que toma o rio como testemunha de sua promessa, quando muda de profissão (passa de pescador de defunto à assassino de aluguel) e promete matar apenas pessoas de má índole.

No último capítulo do romance, temos o personagem Pau de fumo exilado após ser preso. Ao se ver sendo transportado contra a sua vontade para longe de sua família e sua cidade natal, em um acesso de loucura, ele acaba por se jogar no rio. Aqui, o rio como um microespaço natureza, capaz, mais uma vez, de dar refúgio.

Fechou os olhos. [...] Aterrou os pés e correu. E, da prancha entre os dois vagões, gritou: - Filhos duma puta! Aí soltou uma gargalhada

espalhafatosa e atirou-se, das alturas do meio da ponte, nas águas do rio velho. Pela primeira e última vez na vida, depois da morte de Pau de fumo, Chico da Benta não veio ao mundo. Morreu de verdade. Acabou-se o mundo. (IBIAPINA, p. 213-214)

2.2 AMBIGUIDADES DO MICROESPAÇO RIO

No capítulo cinco, temos Pedro Tampa e Negro Parente que são “pescadores de defunto”, profissão ligada ao rio. Eles pescam pessoas que morreram afogadas no rio. O capítulo tem início no espaço cais do rio Parnaíba. O cais na qualidade de ambiente cria um cenário urbano com a condição psicológica de ansiedade e curiosidade, onde muitas pessoas esperam que Negro Parente e Pedro Tampa consigam resgatar um casal de gêmeos que morreram no rio.

Muita gente aglomerada na rampa do cais. Um povão se imprensando, empurrando uns aos outros. Para verem os meninos. Alguns pela última, outros pela primeira e última vez também. Dois irmãos. Gêmeos até. Juntos se geraram. Juntos nasceram e se criaram. E agora juntos morreram nas águas do rio. Estavam decerto lá no fundo da correnteza. Olhos vidrados. Barrigas grandes. Morreram afogados. (IBIAPINA, p. 44)

Durante a captura dos gêmeos, Pedro Tampa morre afogado e sua morte é vista como um acerto de contas por sua ex-esposa Maria Preá, abandonada por ele com um filho para criar, o que acaba por ressignificar o rio, lhe dando um aspecto diferente daquele que a mãe dos gêmeos mortos entende e também para Negro Parente, que vê a morte de seu amigo como uma chance a mais de lucro.

[...] vivo de pescar defunto. Mas não vivo de gavetas dos outros. O Parnaíba é meu freguês. E sempre que nele encontro minhas mercadorias. E presto serviço ao povo. Se não fosse eu, dezenas e mais dezenas de cristãos não seriam enterradas no cemitério. (IBIAPINA, p. 49)

Na paisagem cais, que fica na beira do rio, há um local de convivência da população ribeirinha, essa seria a paisagem cultural que segundo Borges Filho (2007) é composta pela condição socioeconômica dos envolvidos, ilustrando o narrador (leitura do narrador observador), o ambiente tomando o contorno do ânimo dos envolvidos.

O rio é um microespaço natureza e somado com o clima psicológico de mistério que a água representa, uma vez que os personagens não estão em sua superfície, mas sim submersos no seu interior, formando um ambiente de medo e incerteza, nos apresenta uma ambivalência: se para alguns o rio representa mistério e medo, para outros, esperança e prosperidade. Uma

paisagem ambígua: se existem afogados, existe pão na mesa de Negro Parente. O rio é mistério, é subjetivo, é belo e violento.

No capítulo vinte e três, teremos novamente o microespaço rio assumindo um papel ambíguo: é neste capítulo que o filho de Negro Parente, Antonino, estreia na vida de pescador de defunto

Antonino mergulhava. Com aquela vontade maluca na cabeça. Assim uma vontade grande, mas que ele que nem ele mesmo sabia dizer o quê. Seria o primeiro defunto a pescar. Uma defunta. Nova e bonita. (IBIAPINA, p.138)

A defunta citada é Serafina, uma garota da alta sociedade teresinense que acaba por se matar, por estar grávida, se jogando no rio Parnaíba. Embora a profissão de pescador de defuntos traga sustento, Antonino parece estar contente por outro motivo. Ele enxerga no afogamento de Serafina uma oportunidade que ele jamais teria, que neste caso seria a chance de manter contato com uma mulher de classe social tão diferente da sua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo fazer a topoanálise do rio Parnaíba dentro do romance Palha de arroz de Fontes Ibiapina, além de saber qual a sua importância na construção do texto integral, sua relação com os personagens, sua influência no enredo

e desenrolar da narrativa, porém não nos detemos apenas nestes âmbitos.

Quando nos propomos a fazer a topoanálise, também nos propomos a estudar os diversos contextos intrincados na obra que nos serve de matéria-prima. Campos sociais e históricos são indissociáveis do estudo do espaço e fazem total diferença na hora da concepção do trabalho de análise.

Com a análise aqui realizada, podemos conceber diversos aspectos culturais, sociais, históricos e locais de um povo. Podemos, também, analisar que em Palha de arroz temos a história de pobres que, por muitas vezes e até hoje, são esquecidos pela historiografia oficial. O corpus trata dos desalentados que habitavam a capital do Piauí e foram invisibilizados por muito tempo. Tais desalentados puderam, através desse trabalho, ter suas vozes escutadas e seus dramas compartilhados.

O rio Parnaíba serve de paisagem para nos mostrar essa relação de simbiose entre personagens e espaço, mais do que isso: a topoanálise do rio dentro de nossa obra serve para nos mostrar a relação travada entre o ser humano e o local que ele habita.

O rio Parnaíba, na história analisada, ora aparece como vilão, ora como mocinho, ora como refúgio para os personagens. O que todos os citados têm em comum entre si, além da pobreza, é a sua relação de mutabilidade com a água do rio, o que pode ser lido em nossa epígrafe. Assim como as águas do rio mudam, as pessoas e as relações que as pessoas travam com o rio também são mutáveis.

Em suma, o trabalho serviu para que concluamos que, de acordo e dependendo com quem o rio se relaciona e em que contextos ou ambientes, essas relações personagens – rio também mudam, pois por ora o rio que abraçava acolhedor se mostrava também como o detentor de todo o destino daquele povo fadado ao dissabor dos bairros de palha.

Tendo em vista também que a topoanálise e os estudos espaciais literários são novos e se mostram como área promissora na pesquisa, este estudo tem o intuito, não de finalizar, mas de ampliar discussões que podem ser frutíferas para esta área de pesquisa.

Palha de arroz carece de novas topoanálises, dada a sua multiplicidade de possibilidades. Fica aqui o convite para que novos pesquisadores possam se debruçar em suas páginas, para além do rio, topoanalisando também o fogo que consumia a casa dos menos favorecidos. Além do fogo, diversos contextos, como os ambientes de pobreza, os ambientes de fé e promiscuidade, entre outros contidos na obra, são passíveis de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A água e os Sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARROS, Eneas. **Nonon, o Menino da Lagoa Grande**. Teresina: Nova Aliança, 2012. 304 p. ISBN 978-85-913854-1-6. Disponível em: <https://bityli.com/Xzkny>. Acesso em: 6 ago. 2021.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: Introdução à topoanálise. 1. ed. Franca: Ribeirão Gráfica e editora, 2007. 188 p.

DISCURSO final de ‘O grande ditador’, de Charlie Chaplin (1940). [S. l.], 11 ago. 2018. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/discurso-final-de-o-grande-ditador-de-charlie-chaplin-1940/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

HESSE, Helge. **A história do mundo em 50 frases**. Tradução: Maria Irene Bigotte de Carvalho. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2012.

IBIAPINA, Fontes. **Palha de Arroz**. 4. ed. Teresina: Corisco, 2003. 226 p. KOTHE, Flávio R. **O herói**. 2. ed. São Paulo: Ática, p. 48, 1985. MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

ON-LINE, Michaelis. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. [S. l.]: Melhoramentos, 11 out. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=tona>. Acesso em: 11 out. 2021.

TUAN, Yi-Fu, **Topofilia** [livro eletrônico]: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina. Eduel, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina. Eduel, 2013.